

ÍRIS CAVALCANTE

DE  
**OLHOS**  
VENDADOS

EDIÇÕES  
INESP





DE  
**OLHOS**  
**VENDADOS**



ÍRIS CAVALCANTE

DE  
**OLHOS**  
**VENDADOS**



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o  
Desenvolvimento do Estado do Ceará

Fortaleza-CE, 2021

Copyright by Inesp © 2021

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS  
SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ - INESP

**Diretor Executivo do Inesp**

João Milton Cunha de Miranda

**Assistente Editorial**

Valquíria Moreira / Rachel Garcia

**Projeto Gráfico, Diagramação e Capa\***

Valdemice Costa (Valdo)

**Redação Pré-textual**

Rachel Garcia

**Revisão**

Sandra Gonçalves

**Impressão**

Gráfica do Inesp

**Orientador da Célula de Edição e Produção Gráfica**

Ernandes do Carmo

**Equipe de Edição e Produção Gráfica**

Cleomárcio Alves (Márcio), Edson Frota,  
Francisco de Moura, Hadson França, João Alfredo  
Gotardo Freire, Mário Giffoni  
Aurenir Lopes, Tiago Melo Casal

Catalogado por Daniele Nascimento CRB-3/1023

---

C377o Cavalcante, Íris.

De olhos vendados [livro eletrônico] / Íris Cavalcante. –  
Fortaleza: Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, INESP,  
2021.

2420 Kb ; PDF

ISBN 978-65-88252-67-3

1. Crônicas. 2. Literatura brasileira. I. Ceará. Assembleia  
Legislativa. Instituto de Estudos Pesquisas sobre o Desenvolvi-  
mento do Estado. II. Título.

CDD 869.34

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS ÀS EDIÇÕES INESP.

A presente obra não poderá ser comercializada e sua reprodução, total ou parcial,  
por quaisquer meios reprográficos ou digitais, deverá ter a autorização prévia do Inesp.

(\*) imagem da capa: Freepik.com



*O verbo amar?*

...

*é coisa de morrer e de matar,  
mas tem som de sorriso  
sangra, estilhaça, devora, e por isso  
de entender-lhe o cerne  
não me foi dada a hora.*


*Hilda Hilst*

DE OLHOS VENDADOS





ÍRIS CAVALCANTE



*A João e Mateus*

*palavra e silêncio*

*ternura e força*

*afetos de uma existência inteira*

*de amanhã e ontem*

*ausências que se fizeram preces diárias*

*nosso tempo haverá de voltar*

*na cauda de um arco-íris*

*um dia*

## Apresentação

Íris Cavalcante, finalista na categoria Poesia, do 60º Prêmio Jabuti de Literatura, com a obra *Vento do 8º Andar*, possui uma cearensidade latente, sendo inquestionável a qualidade literária dos seus textos. A autora deste *De olhos vendados* é brilhante no uso dos contrastes e evita o caminho confortável, usando a palavra no máximo potencial.

A leitura desta obra e de outras publicadas pelo Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará, - Inesp, funciona como um instrumento para o acesso à educação e à cultura, instrumentos de mudança da realidade de vida das pessoas. A instrução

contribui para o desenvolvimento das comunidades e, em médio e longo prazo, para o desenvolvimento socioeconômico do Estado.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará - Alece, por meio do Inesp, tem a honra de publicar esta obra, possibilitando o seu encontro com os leitores, pois acredita que o investimento na literatura cearense auxilia, inclusive, a fixar uma visão estética própria do Estado, sendo uma expressão cultural que constitui um espelho dos nossos hábitos.

***Deputado Estadual Evandro Leitão***  
*Presidente da Assembleia Legislativa do Ceará*

## Inesp

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp -, criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos atuais que se alinhem às demandas legislativas e culturais do Estado, objetiva ser referência no cenário nacional.

Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do Estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Dentre seus mais recentes projetos, destacam-se o “Edições Inesp” e o “Edições Inesp Digital”, que têm como objetivos: editar livros; coletâneas de legislação; e, periódicos especializados. O “Edições Inesp Digital” obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de Design Gráfico.

O “Edições Inesp Digital” já se consolidou. A crescente demanda por suas publicações segue uma média de quarenta mil downloads por mês e alcançou um milhão de acessos. As estatísticas demonstram um crescente interesse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

O livro *De olhos vendados*, de Íris Cavalcante, é mais uma obra que compõe o diversificado catálogo de publicações do “Edições Inesp Digital” e que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

*Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda*  
*Diretor Executivo do Inesp*

## Prefácio

*“Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca:  
a palavra pescando o que não é palavra.”*

*Clarice Lispector*

Cuidado leitor, ao cruzar estas páginas, você irá encontrar um conjunto de textos literários que o fará desconfiar dos limites entre ficção e realidade. Falando do cotidiano, essa matéria tão cara e primária dos cronistas, a escritora desse livro nos suspende em corda bamba, ao nos fazer caminhar nas entrelinhas do indizível dos sentimentos humanos.

Mas saiba que “pode ser o vocabulário de um sonho ou uma total desesperança”, isso mesmo, foi o que disse a autora, ou teria sido sua personagem, mais uma invenção de Íris Cavalcante. Aliás, Íris sabe bem como inventar histórias, comover, ludibriar e incomodar a nós, seus leitores. Você vai ler só, experimental!

Engana-se quem espera encontrar nesta obra de crônicas, a voz escritural poética da finalista do Prêmio Jabuti de Literatura, em 2018. Ela está aqui, mas não com sua linguagem telúrica, exuberante, úmida e quente. Nestas páginas, Íris nos surpreende, mais uma vez, trazendo uma voz feminina combativa, reflexiva e questionadora, estilizando a linguagem literária em fragmentos deste tempo, que “desconhece os risos e as lágrimas do futuro”.

Ao refletir essas palavras, imagens quebradas ou distorcidas desta flânerie pós-pandêmica, Íris nos convoca a ler cada vez mais e mais, só mais uma nova página. Impossível não nos envolver com suas histórias, à beira-mar ou na foz do riacho Maceió, seja no Benfica, Chiado, Sobral, Rio de Janeiro ou Brooklyn, toda(s) a(s) cidade(s) está aqui numa cartografia sentimental, que nos conduz a conhecer a praça e a cidade, Messias e Micael, José, Ana e tantos outros personagens e lugares inesquecíveis.

Shakespeare, Hemingway, Joyce, Borges, Lispector, Flaubert, Tolstói, Rachel de Queiroz e outros ilustres autores, também estão aqui e acolá, onde reverdecem Hortênsias, Cazusa e Hilda Hilst. Por isso, vale aquela máxima um tanto reinventada, – diz-me quem tu lêes que eu te di-

rei como escreve... Desconfio de escritores que não costumam ler outros escritores, ou pior, só leem os mesmos autores e, de mau gosto, só os estrangeiros. Felizmente, as leituras aqui elencadas nos deixam pistas do trabalho sério e laborioso desta autora cearense de exímia qualidade em nossa literatura contemporânea e que não faz “literatura para convencer ingênuos deslumbrados com a estética”. E ainda nos alerta: “O melhor leitor é aquele que lê a vida, no detalhe. Algum lugar entre o metafísico e o sublime”. E agora, você está pronto para começar essa leitura?!

Advirto: se você deseja se apaixonar, há de encontrar aqui boas histórias de amor, embaladas em trilhas sonoras das mais românticas, destas em que “amantes também riem-se, úmidos e nus”. Porém, se você acha esse tipo de narrativa muito piegas, saiba que eu também chorei quando conheci o cheiro de gengibre. E quem de nós não viu o destino infeliz de quem é sensível demais a odores, amores e leituras, sobretudo, “a meio-tempo do fim”. Eu também ri ao me deparar com a estranheza dos comportamentos destes tempos líquidos, que nos faz escorrer entre os dedos cada segundo de leveza. Foi um riso de nervoso de quem sabe da “incerteza e ansiedade por tudo o que vivemos no tempo do agora, num passado recente, ou pelos fantasmas de uma História revisitada”.



Penso, portanto, que o bom livro é este que nos prende até o fim da leitura, nos fazendo percorrer diferentes sensações e sentimentos. Fisga-nos tal qual um anzol repleto de iscas suculentas, lançado ao oceano dos desalinhos de nossos dias sequiosos de mar e de gostosuras. E essas não são histórias de pescador, são crônicas do mais puro e límpido versejar do gênero, caprichosamente escritas por mãos equilibristas de quem aprendeu, com Clarice, a pescar o que não são somente palavras, mas sim os nossos corações e até os mais selvagens...

Boa leitura!

***Lilian Martins,***

*jornalista, educadora, pesquisadora e militante em Literatura Cearense, apaixonada por crônicas e outras estórias...*



## Sumário

|  |            |
|--|------------|
| Olhos vendados                         | <b>19</b>  |
| Da Meira, da beira                     | <b>23</b>  |
| Um rosário de ruas                     | <b>27</b>  |
| O meio-fio que me fala                 | <b>31</b>  |
| A praça e a cidade                     | <b>35</b>  |
| Cheiro de gengibre                     | <b>37</b>  |
| O inevitável                           | <b>41</b>  |
| Esperanças                             | <b>43</b>  |
| Nós desatados                          | <b>47</b>  |
| Urgências                              | <b>51</b>  |
| Trindade santa                         | <b>55</b>  |
| Medos, normalidades e loucuras         | <b>59</b>  |
| Uma das faces do medo                  | <b>63</b>  |
| Ciranda                                | <b>67</b>  |
| Uma primeira vez                       | <b>69</b>  |
| Dia de sol farto                       | <b>73</b>  |
| Adeus à solidão                        | <b>75</b>  |
| <i>Everything and nothing</i>          | <b>79</b>  |
| Quero morrer amanhã                    | <b>83</b>  |
| Gatos e o poeta da sarjeta             | <b>87</b>  |
| Se eu fosse o detalhe                  | <b>91</b>  |
| A estranheza dos comportamentos        | <b>95</b>  |
| Eles, por mim                          | <b>99</b>  |
| Entre hortênsias, Cazuza e Hilda Hilst | <b>101</b> |
| Aedo do nosso tempo                    | <b>103</b> |
| O Rio buarqueano                       | <b>107</b> |
| Sobre a autora                         | <b>110</b> |

DE OLHOS VENDADOS



## Olhos vendados

CHEIRO BOM de senhora elegante. Bem-vestida, educada nos livros e conhecimentos. Nem todos têm acesso a ela. É muito importante e impõe alguns limites de aproximação. Que culpa ela tem de ser bem-nascida?

Houve um tempo em que ela não conhecia a realidade dos pobres, dos pretos, das favelas, dos subversivos, das mulheres que rasgam a opressão e o quanto isso lhes custa, dos surpreendidos pelas rasteiras do improvável. Artes ou artimanhas da vida? Madame usa roupa de grife, maquiagem e perfume importado, viaja de primeira classe.

– Como cheira bem a madame!

Cabelos grisalhos, marcas de expressão. Ficou até mais bonita com o avançar da idade. Os ombros lhe pesaram, aliviou-se do fardo. Diminuiu os abismos que a uniam a alguns e a afastavam de outros, sempre com a sua elegância particular. Madame sentiu-se bem quando rompeu fronteiras e se aproximou dos que vivem à margem. Conheceu marginalizados, marginais, margeados por um destino implacável, imaginados ou não, inimagináveis, bons ou maus.

De salto fino, madame se equilibra na subida do morro. Tem gente de bem por lá, idoso, doente, desempregado, criança que chora no colo da mãe solo, chupa o dedo para sossegar a fome. Há o malandro também que esconde o bagulho e o AR-15.

– Cadê a pensão do menino, madame?

Mulher fala da janela. A outra vai subindo o morro com dificuldade pelas mutilações várias, trouxa na cabeça, o que traz é nada, o que sofreu foi tudo. Tomaram-lhe casa. Despejada. Desabrigada. Desalentada. Olha a madame e reacende a esperança no olho roxo da violência doméstica. Achou que a elegante dama podia ajudá-la a encontrar quem ela procura.

Mãos hidratadas secam a lágrima daquela mulher comum. Madame abrandá-lhe a dor, cuida do olho roxo. Faz compressa. Traz até copo d'água para acalmá-la, diz pra ela sentar-se, descansar da travessia. Foram túneis, viadutos, altos e baixos, largas avenidas e becos estreitos até chegar ali.

A mulher mutilada se admira com a generosidade da madame, compara os fardos de cada uma como se estivessem numa gangorra. Madame é mulher também, nome feminino, tem útero e filho, uma casa como ela tinha com suas coisinhas preferidas. Madame enfeita a sala com uma estatueta de bronze, olhos vendados segurando uma ba-

lança. Mulher com porte de deusa, que alguns temem, outros depositam nela a esperança última, como salvação da própria vida. Têmis.

A mulher comum não teme a madame, apesar das visíveis diferenças de status social identificou-se no feminino que as une, ousou perguntar:

– A senhora sabe onde encontro a Dona Justiça, madame? Me disseram que agora ela sobe o morro e anda pelos becos, enquanto o morro dorme. Bate à porta dos injustiçados para ouvir as histórias. Sabe madame, é que eu também tenho uma história pra contar.

DE OLHOS VENDADOS





## Da Meira, da beira

FORAM 18 ANOS e dois filhos. Conheço cada esquina do bairro. Acompanhei a verticalização ao longo dos anos. Simpáticas fachadas se transformaram em grandes caixas de vidro que deixam escapar seus interiores. O externo e o interno se fundem na beleza urbana. Da minha janela, assisti ao ir-e-vir de pessoas. Personagens de uma crônica diária foram envelhecendo e comprometendo a curvatura, ambulâncias chegando para a última viagem.

Meireles, o bairro da Meira, da beira. À beira mar ou na foz do Riacho Maceió, fomos aldeia um dia, “aldeia, aldeota, estou batendo na porta pra lhe aperriar...” Pescadores desafiam o mar em pequenas jangadas. Içam velas. O homem magro com o torso nu, alcança a grandeza feita de ondas ou naufrágio a mar aberto.

Há o mercado, o clube, a igreja, a praça. Padarias abriram e fecharam, supermercados, academias. Circula o carro da fruta. Cabeto esteve ao meu lado, esbanjando elegância, numa casa de um farto jardim sem muros. Criações de vanguarda expostas nas galerias.

Ruas mudaram o sentido. Nas calçadas, pessoas se dão bons-dias, ecoam os ruídos da construção civil. Uma conhecida faz o mesmo percurso há anos, com sua Lulu da Pomerânia, e os bem-te-vis continuam cantando e nos fazendo acreditar em poesia urbana.

A mulher feita de sonhos adquiriu marcas da idade, perdeu sonhos, trocou por outros. Poemas e souvenirs habitaram a casa, os livros foram chegando, outros sendo escritos. Autores fizeram morada na estante. Algumas amizades que frequentavam a casa, não eram amizades da dona da casa e se foram. Particularidades da vida privada. Houve perdas e ganhos, surtos e absurdos múltiplos.

Não moro mais no antigo apartamento da Monsenhor Bruno, mas quando se apagam as luzes, ele chora por mim, escutam-se meus passos, abro portas, vejo fotografias, redefino saudades. Faço-me presente na ausência. Mas o sol é o mesmo e o mar que avistei da janela, também. Ali singram os ventos litorâneos.

Assisti à vida transcórrer pelo olhar dos filhos. Um dia, os meninos tornaram-se homens. As namoradas foram chegando e saindo e chegando novamente. Trancaíram-se nos quartos. A roda da vida em contínua revolução. Foi a partir do meu olhar que a vida seguiu. Um recomeço, um novo bairro.

Não devo viver 100 anos. Não vou perder tempo com escrituras ou bens patrimoniais. Só não me tirem os livros, nem o riso. Vivo a vida com a simplicidade e brevidade que há de ser. Às vezes meio à toa, sem saber o próximo capítulo ou quanto gasto por mês. Seja no Meireles, Benfica, Chiado ou Brooklyn, o tecido do tempo se desfaz. Um segundo e já é passado.

São 2h45 de uma madrugada. A cidade não dorme, nem eu. Ela atravessa minhas veias abertas, eu me estendo além de suas ruas, becos, histórias e personagens, numa ressonância que nos atinge em nossos infinitos.

Da minha varanda, imagino a cidade que escolhi e que me acolheu, quando eu era uma menina vinda do interior, cheia de sonhos. A menina ainda existe, mas cresceu. Aqui, eu fiz de mim quem sou. Desconheço os risos e as lágrimas do futuro, estamos no presente: a mulher e a cidade.

DE OLHOS VENDADOS



## Um rosário de ruas

CONHEÇO ALGUMAS. No Rio, Sobral, Porto e Lisboa. Já ouvi falar de outras. Chego a pensar que toda cidade deve ter uma, com suas histórias, personagens e mistérios gozosos, dolorosos, gloriosos e luminosos. Hoje estou na rua do Rosário do centro de Fortaleza, sob um sol largo, uma rua breve que percorro de praça a praça. Encontro de Rachel a Getúlio. Entre a Igreja do Rosário dos Pretos e o Palácio da Luz, me distraio com paralelepípedos e gatos sorrateiros que habitam os porões. Um adesivo num poste e alguém garante – Trago seu amor de volta – E quem disse que eu quero? Bem, mas parece que há quem queira.

Passo por um aglomerado de comércio e serviços, clínicas que cuidam do sorriso, sobrados decadentes, engraxates, pedintes, pessoas que alimentam pombos, bancas de revista fora de circulação. O dono cochila, a existência insiste. Pergunto há quantos anos ele está ali. Um bocado – ele responde, sonolento.

Na rua do Rosário encontra-se quase tudo, menos rosários. Para lá, sou levada em busca de um passado da

cidade, que ainda pulsa. Século XXI e me deparo com um santuário de máquinas de escrever no número 125, um lugar meio claustrofóbico, entre poeira e antiguidades. Relíquias que pertenceram a amantes da escrita, ou a comerciantes e empreendedores de uma época. Tecnologia que pôs em movimento a roda da economia.

Me encanto com uma Olivetti vermelha, amor à primeira teclada. Evoco meus ídolos da literatura e ali mesmo, conversamos através do toque contundente que imprime palavras, enquanto escuto os relatos de um falante senhor de bigode sobre uma Fortaleza e um Brasil do passado. Um café e a conversa flui. Ele me conta sobre o Curso Andrade Lima que preparava datilógrafos para 800 toques em 5 minutos, garantia de aprovação num concurso de banco. Não consigo avaliar tamanha destreza.

Estou diante de uma testemunha da história, numa travessia de sete décadas, mas a compreensão dos fatos não é a mesma que a minha. Registro minhas impressões na caderneta da cronista, mais do que cabe numa crônica. A partir dos relatos e das convicções do senhor, ponho-me a vislumbrar passagens sombrias da nossa história, como se estivessem impressas nas pedras da calçada.

Pego a Olivetti vermelha, que já é minha. O uber também é vermelho, como o sangue derramado pelas lutas populares. Ainda sob o efeito da conversa, quero encontrar pessoas e lembrar às novas gerações, que 64 não foi

revolução e que golpes marcam sempre períodos de grande retrocesso.

Percebo que fatos históricos são acomodados conforme o viés ideológico de quem os assiste. Existem lados e eu sei perfeitamente qual é o meu. Logo mais, encontrarei pessoas que amo, fico feliz por estarem bem, meu jeito particular de cuidá-las. Não tenho rosários, mas quero a paz e a contemplação dessa oração. Desacelero da euforia do passeio e dou uma última olhada para a emblemática rua.

Agora, imersa na inviolável solidão de meu quarto como num mosteiro, me dedico à leitura devocional de Santa Tereza D'Ávila e à reflexão sobre o Santo Rosário. Nunca rezei um. Em Tereza D'Ávila encontro: “Nada te perturbe, nada te espante, tudo passa.”

No fim do dia tenho apenas uma certeza que não se explica nos fatos recentes, talvez na fé: tudo vai ficar bem.

DE OLHOS VENDADOS





## O meio-fio que me fala

CHEIRO DE CAFÉ. Antes da pandemia, o fortalezense tinha o hábito das cafeterias nos fins de tarde. Reunião de trabalho, amigos, ou apenas o prazer solitário de tomar um café e ler um livro. Tenho uma cafeteria preferida e até mesa cativa. Dá para uma janela de vidro, essa maravilhosa invenção da engenharia onde os interiores e os exteriores se cumprimentam e tornam-se iguais em suas desigualdades. Dali, observo uma cidade que se movimenta e um garoto que me olha do meio-fio.

Era março de 2020. Tento parecer natural tomando o meu café, o garoto imita os meus gestos, como um jogo de mímica. Eu podia embarcar na brincadeira, mas sinto vergonha. Ele parece faminto e seu olhar inibe minha gula. Ao lado dele, um recipiente com moedas e uma mochila já gasta, de onde ele tira uma colher. Faz movimentos circulares como se estivesse mexendo o café e leva uma xícara imaginária à boca, igual como faço.

Percebo que há muito mais do que preciso para um café da tarde, e peço para a Ana embalar o bolo de cenou-

ra com calda de chocolate “pra viagem”. Vou ao encontro dele. Sento-me no batente e o chamo, digo que é perigoso estar sobre o meio-fio. Ele me contraria e se estica como um baguete, desafiando o espaço entre o fluxo dos carros. Dispensa minhas pedagogias, mas é seduzido pelo bolo. De perto é ainda mais menino.

De sua inocência, o garoto me fala que não vê perigo nas ruas. O perigo está em casa quando o padrasto chega bêbado – ele diz. Me conta que passa o dia pelas esquinas e sinais. Por ali come, dorme, banha-se com um balde d’água que o lavador de carros divide com ele. Eu também falo sobre mim e percebo semelhanças em nossos repertórios. Ele me escuta e faz perguntas, eu o acompanho numa caminhada pela calçada, sob uma teia de fios envelhecidos, mas é o meio-fio que convoca minha atenção.

Vejo o descaso dos moradores com a cartografia da cidade, folhas secas se juntam aos lixos diários que agri-dem o planeta, jogados entre a calçada e o asfalto. A luz do poste os denuncia, o vento os acumula desordenadamente. Juntam-se à chuva – se chuva há – entopem os bueiros, bocas-de-lobo, ruas alagam. O garoto cata algo no chão, não sei o que é. Pode ser o vocabulário de um sonho ou uma total desesperança. Prefiro acreditar na primeira hipótese.

A vida ondula-se entre nós dois, nos aproxima e nos afasta, insisto no que nos une. Pergunto sobre a escola, ele dá de ombros, desconversa, mas nesse momento, capturo

algo no fundo de suas retinas, um brilho rápido quase no tempo de uma fotografia. Ele se imagina numa escola, eu sei. Me volto e me revolto com um sistema distópico que autoriza uma criança fora da escola e valida a desigualdade.

Sob meus olhos, descortinam-se detalhes da cidade tão invisíveis quanto alguns de seus personagens, que revelam muito da civilidade de um lugar e de seus habitantes. Herança de colonizadores.

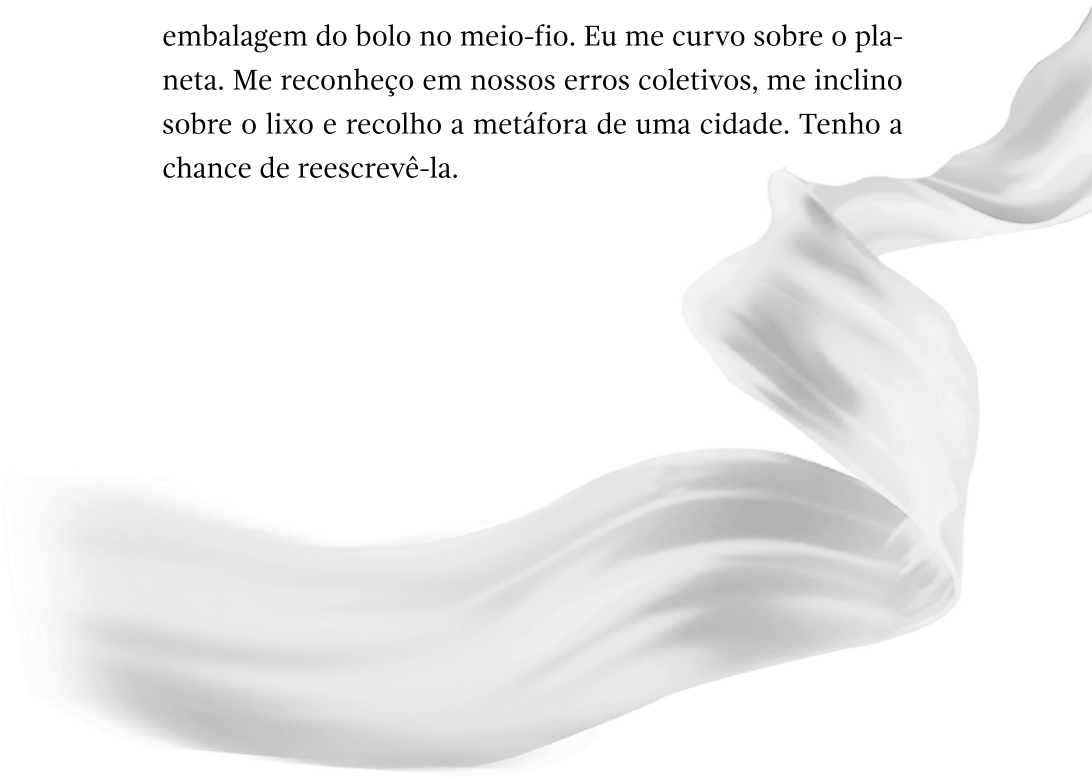
– Prazer, sou um meio-fio qualquer, essa fileira despercebida de pedras das calçadas, esse zé-ninguém de tantas metrópoles insones, cidadezinhas, prolongamento de esquinas, becos e guetos sonâmbulos.

Dáí então, os meios-fios deixam de ser reles desconhecidos e passamos a nos comunicar a partir da leitura de suas grafias. Também não é mais um estranho, o garoto que se chama Justin. Não compreendo o nome da primeira vez que ele fala e pergunto novamente, ele pronuncia assim meio atrapalhado e explica que é o mesmo nome do cantor famoso.

– Ah, sim! – Aquele que apareceu outro dia e já inspira nomes. Ali, me dou conta da pressa com que o tempo conduz nossas urgências, “outro dia” já é uma década. Perdi o fio da meada. Estou a meio-tempo do fim.

Justin avista o ônibus e sai em disparada, dá tchau com a mão suja de chocolate que limpa no calção. Joga a

embalagem do bolo no meio-fio. Eu me curvo sobre o planeta. Me reconheço em nossos erros coletivos, me inclino sobre o lixo e recolho a metáfora de uma cidade. Tenho a chance de reescrevê-la.



## A praça e a cidade

DESCOMPORTADA, ingênua, trôpega. Mas ela é também gentil. Inspira amores e poemas. Odores os mais intensos, cores de Frida Kahlo e personagens multidiversos. Há o clown, o poeta, o professor, o universitário, o bêbado. Pluralidade que instiga e intriga e choca aos desavisados que passam por lá. Inscrição boêmia na narrativa da cidade.

O asfalto urge. Será asfalto ou passarela? O bar se insurge contra as fronteiras da calçada e desafia a atmosfera com suas fumaças várias. Ressoam MPB, reggae, blues, múltiplos sons e sentimentos do universo, mas predomina a latinoamericanidade pulsante do tipo belchiorina. Meninos e meninas plurais discursam suas convicções, validam amores e preferências. Em estado de plenitude se fazem, desfazem e refazem. Convocam a ocupação de um mesmo lugar, corpos que duelam com a lei da física. E teorizam: é a química.

Jovens de múltiplas idades circulam sem culpa, amam sem compromisso. Ela é assim mesmo generosa,

acadêmica. Alguns jovens de mais idade já viram de tudo, mantém a mocidade e sugerem sonhos no olhar. Viveram golpes, ditaduras, avanços, recuos, falsas democracias, a absurdez de um tempo. Convergem irmanados e libertos para um ponto brilhante no planeta, candeia humana, reflexo de nossas luminescências. Narram histórias, declamam poemas que se vão com o vento leste, soltam sua voz sem medo e imprimem a imortalidade na noite de uma cidade.

Quero o poema que consome a praça e a confluência de versos livres, livros e desejos. A sedução de um fim de noite e olhar de menino ao amanhecer.

E foi numa sexta feira de um março qualquer, quando as gentes fervilham por lá, que se deu o maior golpe. Derramou-se sangue por ela. Sangue de inocentes. Revolucionários, inglórios ou gentios punidos por estarem ali.

Ela resistiu. Viveu o luto, chorou os seus. E então, ela renasce no movimento contínuo de fazer-se poema. Assim mesmo, gentilmente, num constante bem-ficar.

## Cheiro de gengibre

30 GRAUS. Um céu de um verão perene anuncia que estamos na cidade do sol. Refugio-me à sombra de uma árvore na praça do sonho. Alguns metros quadrados de areia, uns quatro bancos de madeira e um balanço de pneu. Cavalos de Troia. A criançada brinca como se estivesse num parque de diversão. Tem algazarra e euforia. A praça é do sonho.

Há crianças e jovens e adultos. Alguns jogam baralho, descomprometidos com o relógio, sem cartão de ponto a bater. Dinheiro para a aposta. Se der fome, tem a bodega da dona Chica que vende bolo, salgado, sai até um “bauru”. Coisa fina. Assim, a vida segue numa quase liquidez, no sobe-e-desce do lugar. Meninos sem blusa, queimados do sol, jogam piões.

Da casa da esquina vem um cheiro de gengibre. Uma lagartixa sobe a parede, um gatinho abandonado se encolhe na soleira da porta. Ali mesmo, fazem um lar. Hora do almoço. A mulher caprichou, é aniversário da filha de 10 anos. Vapor na panela. Casa de tijolo, janela, porta, telha-

do, uma casa completa. Casa bonita. Tem até uma planta em lata e um Sagrado Coração de Maria, bem na sala.

A mulher da casa bonita, que tem uma planta, sustenta os cinco filhos com o salário de ajudante de cozinha num restaurante de bacana. Foi lá que ela aprendeu a receita que leva o gengibre. Gosto exótico. Aprendeu essa palavra também e agora deu para uns pensamentos exóticos, eróticos às vezes. Ela é quem sabe viver. Depois que o marido abandonou a família, ela nem teve tempo para as sofrências, não podia deixar os meninos morrerem de fome. Ou sofria ou sustentava os filhos. Uniu-se a um rapaz de 22 anos, que está no seguro desemprego – ele justifica sempre que traz algo para casa. Ela, aos 40. Arrimo de família. Logo, engravidou do quinto filho. Desconstruiu padrões, sabe ser sensual, mesmo com uns 20 quilos a mais. Uma mulher que se permitiu amar. Julgaram-na. Mas ao homem que abandonou a família, não.

Do outro lado da rua, uma placa em metal resplandece sob uma claridade cirúrgica e indica o nome do lugar. A lagoa que já foi campo de futebol invade as palafitas. Pedacos de madeirite, barroto ou flandre compõem as paredes, amianto no teto. Não é de Deus viver nesses casebres, sensação de espaço conseguido, que se pode perder a qualquer momento. O esgoto escorre ao lado. Pior quando chove, tudo vira lama. Pela janela do barraco, avisto um casario assimétrico do lado de lá, um mundo que filtro a partir do que vejo.



Me dá vontade de entrar com um violão, cantar um refrão qualquer. Talvez a música embeleze o cenário. Ou alegre a mulher doente que jaz numa rede. Pneumonia. Quero entrar ali, com o que aprendi das artes.

Roupas coloridas secam num varal rente à pele de um muro. Uma catita corre para lado nenhum. A mulher da casa bonita, que tem uma planta e que sabe ser sensual atravessa a rua com um vestido transparente. O sol trespassa o vestido, que se levanta ao vento e revela suas coxas roliças. Ela leva comida com cheiro de gengibre para a mulher com pneumonia. Fraternidade feminina.

Messias e Micael brincam com seus piões. Irmãos quase gêmeos, tão próximas que são as idades. O Messias tem uma tal ternura de menino carente e me beija como a uma tia e eu gosto. Me sinto tia de Messias. Vontade de cuidar dele, protegê-lo das maldades de alguns. Mas como, se mal dou conta das maldades que me fizeram? Ali, tenho um afeto natural por ele. Micael maneja bem o pião, cabelos descoloridos e uma energia que parece luz. Um calção amarrado por um elástico e uma blusa que encolheu com o crescimento deixam o umbigo à vista. Disseram que era perigoso ali. Messias e Micael mostraram o contrário. Me sinto em débito com o futuro deles. Um débito que não posso pagar no cartão, nem em cash.

Mais na frente, uma universidade. Os doutores aparecem, prestam algum serviço que deve pontuar para o la-

ttes e somem. Em julho, tinha uma festa. Aquece a economia, a classe média consome no morro.

Já é meio-dia. Volto semana que vem – digo assim meio migrante. Cigania. Uma terça-feira e reencontro a mulher da casa bonita que tem uma planta e sabe ser sensual com seu vestido transparente. Nos juntamos a outras de nós e descobrimos que a nossa voz é a mesma. Uma me fala do olho roxo, a outra me conta da alma ultrajada. Relatos que escapam da luta nossa de cada dia e se encontram num lugar chamado Gengibre. Um lugar esquecido na cidade do sol.

## O inevitável

DESENHA-SE o desconhecido que assombra, que torna um descendente de Rockefeller tão vulnerável quanto o José que vende tapioca na esquina. Alguns falam de histeria coletiva, outros negligenciam, outros se apavoram. Há o momento em que o individual encontra o coletivo e leva à inevitabilidade de uma conclusão: não somos diferentes pelo lugar social que ocupamos. Para a peste, não.

A humanidade percorre um caminho de evolução há séculos, eras geológicas se sobrepõem dando origem ao que chamamos de Criação, ou seja lá o que a crença de cada um nomeia. Reflexos de mutações naturais ou reações em série de um planeta que, comparado ao infinito, é um rastro de poeira cósmica. Como numa distopia, um vírus qualquer define destinos.

Não será o momento inadiável de olhar a partir da perspectiva do outro? Que sentido teria a ciência e séculos de conhecimento, se um vírus mutante, errante e zombeteiro, tiver o poder de acabar com tudo isso? Um ser invível a olho nu, sem correspondente na ciência, tem a for-

ça de destruir impérios, interfere no mercado de capitais ou na agenda do Judiciário, que pode adiar a justiça para quem espera a justiça, enquanto alguém sentado no sofá conspira contra inocentes.

Talvez seja a nossa última chance de salvação, ao nos confrontarmos com a fragilidade da matéria e com a certeza de que há sim, vida para depois da matéria.

A Criação se apresenta sob metáforas desde os primórdios. Vivemos uma contemporaneidade exausta, sem o tempo do silêncio. Alguns se desviam do vírus, outros praticam o amor. É difícil definir o amor a que me refiro, porque não há comparação na linguagem para o bem que fazemos, como regra universal de conduta, como se o bem feito ao outro, fosse feito a nós mesmos. Quando transformamos um mal aparente em bem real.

## Esperanças

OS HUMANOS não somos os seres mais importantes do planeta. Acordar às 5 da manhã é uma oportunidade única de ouvir a orquestra dos pássaros, que sobrevivem nesta selva de pedra. Eles estão aparecendo em maior número e com mais frequência, saindo de um isolamento ao qual nós os submetemos a partir de nossas escolhas de mercado. Hoje, eles se libertam e nos confinamos, não será a lei universal do retorno?

O canto do bem-te-vi é o que mais se destaca ou o único que eu reconheço. Desconhecer a melodia dessas criaturinhas voadoras, coloridas e cantantes é o reflexo de um comportamento zumbi, alheio aos sons e silêncios que a natureza produz. Já fiz parte dessa civilização alienada. Hoje, a Inteligência Universal nos dá a oportunidade da escuta e a opção de mudar. Alguns se apropriam dessa escolha, outros a ignoram.

O frio da manhã ainda por volta das 5, sopra nas plantas da minha varanda e me traz o espírito do vento. Tudo é natureza em nossa volta, mesmo suprimida por arranha-

-céus e corporações da pirâmide social que monopolizam a grana do planeta. A natureza resiste e os povos originários da terra que a respeitam, apesar da devastação, perseguição e matança. A ameaça e o medo com que esses povos lidam há séculos, hoje chega a nós. Não romantizemos uma humanidade homogênea, enquanto um indivíduo ou um grupo tirar vantagem do outro pela violência. Seja em tempos passados ou no presente, nos interesses de mercado ou em relações individuais, quando alguém subjuga outro.

O sol aparece. Vou à padaria de manhã cedo e escuto o silêncio da cidade, encontro gatinhos se escondendo dos humanos debaixo dos automóveis parados, uns miam pra chamar minha atenção, alguns se recolhem, outros se expõem, eles reconhecem pelo instinto se somos amigos ou predadores. Há uma biodiversidade que sobrevive aos apelos de consumo de uma Fortaleza de desconcertante desigualdade social, que hoje se confronta num mesmo parâmetro de vulnerabilidade, independente da conta bancária de quem a habita. A cidade não parou como deveria, uma nova consciência ou um modo novo de existir não chegou a muitos.

Os que são consumidores antes de se reconhecerem como organismos de uma coletividade, lamentam os shoppings fechados, a aquisição de um novo sapato ou aquela bolsa que vai ser adiada, a escritura patrimonial que precisa ser mantida.

O sentimento de solidariedade se potencializou em alguns tantos de nós, arrisco dizer que na maioria, mas não atingiu aqueles que se julgam donos do planeta, presos em sua bolhas de existência, o domínio antropoceno. Há traços de sociopatia quando o indivíduo não reconhece a necessidade do outro ou de grupos coletivos em situação de risco nesse organismo chamado Terra. Se não podemos passear nas ruas como antes, que o passeio se dê para dentro de nós e nos reconecte com a subjetividade que o momento propõe, nos liberte de tantas vaidades humanas.

Então, lá estou na fila do pão e me lembro de um grupo de pessoas que mora na rua Júlio Azevedo, no Papicu, sob tendas improvisadas. Sim, estas pessoas moram no quarteirão que o fortalezense chama de cracolândia. Alguns as veem como uma ameaça à segurança dos prédios de classe média do entorno, outros como uma questão social a ser tratada pelo poder público.

Penso: eles também gostariam de um café com pão. Fiquei certa disso, quando vi sorrisos em pétalas se abrindo pra mim. Confesso que a minha história recente me tornou carente de pessoas verdadeiras, de risos sinceros, sejam brilhantes, tímidos, escondidos com as mãos, sorrisos sem dentes, cada um com sua beleza de dentro pra fora. Fiquei de fato, feliz. Fiz alguém feliz.

Quem trabalha com a escrita tem uma necessidade vital de compartilhar percepções. Qualquer

um de nós pode dar e receber uma felicidade dessas, que reforça uma simbologia trazida lá dos tempos da infância: a memória afetiva do café da manhã. Essa narrativa tão simples me permitiu começar o dia com algo que não adquirimos no mercado, mas subsiste dentro de um compartimento de nossas mentes. Esperanças. Assim mesmo no plural.



## Nós desatados

TUDO ACONTECIA naquela casa de boas aparências, paredes brancas e boletos em dia. Humilhação sutil, destratos silenciados, superioridade do tipo arrogante. O homem a tudo suportava, engolia a própria submissão. Até que um dia, ele cansou. Aconteceu quando a mulher chegou bêbada e arrombou a porta do quarto dele. Foi a porta d'água. Ops! A gota da picada ou o fim da água lamacenta.

Algo ali, assumia uma magnitude dentro do universo conjugal que o homem não compreendia. Ele custou a processar a informação de que a porta tinha sido arrombada pela mesma mulher com quem dormia, e os corpos ainda se tocavam. Inimigos íntimos? Estranhos que compartilhavam a nudez, dividiam contas a pagar, enquanto as almas já não eram acessadas.

O homem se deu conta de que não havia mais como navegar naquela tolerância muda, nem patinar na água escassa e pantanosa. Os olhos dele não marejavam lágrimas nem brilho havia, não tinha mais ereção nem desejos viris. Ele contorceu-se todo sobre a cama e enlaçou-se em nós

imagéticos, reivindicando a proteção das paredes do útero materno. A mulher lhe metia medo. Era o significante do “nós” que se rompia ali. Nós se desatavam. Não havia mais a primeira pessoa do plural.

Então, o homem tomou a atitude das mais definitivas. Sim, ele precisou ter a porta do quarto arrombada, para enxergar o quão opressora era a mulher. Foi embora. Precisava salvar-se. As pessoas não entenderam nada – “pareciam tão felizes!”

A violação da paz do lar pela mulher, no meio de uma madrugada, trazendo cheiro de bebida, cigarro, e a sexualidade extravasada nas ruas, fez o homem morrer-se em si. Ele só estava dormindo em seu quarto depois de um dia de trabalho honesto. Aquilo foi a materialização de muitas questões ainda não percebidas. O que acabava ali, era a última esperança, obra do início do fim ou o fim do início. Não havia volta para o que emagreceu tanto, tanto, mas tanto que morreu de inanição. Ele estava farto de pedagogias vãs de recomeço ou de tentativas de salvar o que não queria ser salvo. A mulher não teve nem a dignidade de pedir as tais desculpas do protocolo.

E então? Causou espanto essa narrativa de violência, partindo de um protagonismo feminino? Até entendo. Minto. Não entendo, não. É que a gente anda com preguiça de ser didática, sabe? Apenas volte e releia, fazendo o trocadilho dos pronomes. Assim mesmo: o masculino pelo

feminino e o feminino pelo masculino. Esse é apenas o recorte de um dia comum do cotidiano de muitas de nós. É que o nosso feminino não se reconhece nos contornos dessa narrativa. O feminino não tem a face nem da violência nem da servidão.

Nós. Pronome e substantivo. Ou nos enlaçamos sem desate ou desamarramos os nós. Portas arrombadas são como nós desatados. A madeira apodrece. A linha fica puída. Não tem meio esse termo. Não tem regresso esse fim.

DE OLHOS VENDADOS



## Urgências

É CERTO que todo mundo envelhece. Fim de ano transborda dessa certeza. Há melancolia e alegria extremas em envelhecer. Perdem-se pessoas, afetos, coisas desimportantes, mas ganham-se outras pessoas e afetos e coisas mais importantes.

Lemos livros impregnados de sentimentos humanos, escritos por quem conhecemos ou não conhecemos ou nunca conheceremos. Alguns não estão mais entre nós, vêm de um lugar intemporal e nos tocam como num abraço repleto de ternura, pegam nossa mão e nos levam para um não-lugar onde queremos permanecer. Ouvimos músicas que nos conduzem a um tal estado de sublimação que até choramos e nos sentimos íntimos de quem as compôs. Aquela palavra certinha dita pra nós, por alguém que admiramos, importa saber que aquela pessoa é feita do mesmo tecido humano que nós. Bem, algumas músicas do Chico tenho certeza que foram feitas para mim.

Me parece que a maturidade nos flexibiliza à liquidez das coisas e dos sentimentos. Uma viagem que só nós

podemos fazer aos nossos acessos internos e extrair dali, algo que não nos individualize tanto. Um dos sentidos cada vez mais urgentes do contemporâneo é a partilha, que está para antes da ideia egoísta do indivíduo sozinho.

Podemos ter um grande amor ou não, podemos nos sentir sozinhas na companhia de alguém ou estar em nossa própria companhia que é para sempre. Mas temos sim, uma humanidade inteira para amar nesse mundo de silêncios e competições, um mundo que envelhece e se retrai, um mundo de pessoas reais que se isolam de tristeza, em vez da alegria de chegar até aqui.

Há urgência na simplicidade. Tempo de se demorar nas coisas. Lá fora, a vida pode até correr num desenfreado apelo de consumo, pressas, buzinas, semáforo que fecha, pessoas que se esbarram, e se ignoram como organismo de uma mesma humanidade. Desconhecidos de que um planeta nos une e temos que salvá-lo, enquanto ainda há tempo. E quando eles não tiverem mais casa, onde guardarão tanto apego material? Pessoas que matam outras em vida e morte por um naco do mercado.

O que dizer daqueles que arrotam arrogância e ostentam futilidades? Amanhecem e anoitecem sem um sentido para a existência, humilham seus iguais, pisam nos outros com requintes de crueldade, não reconhecem a própria mendicância num pedinte sentado na calçada, jantam em restaurantes caros, encham o estômago até não caber

mais nada, o abdômen infla, a roupa desabotoa, enquanto um vazio transborda em algum lugar de suas mentes.

Lamento pelos analfabetos da vida, que não sabem interpretar o pulso enquanto ainda pulsa. Destroem poemas e esperanças. Pode nem haver tempo para um novo ano. Quando percebem já é tarde para viver.

DE OLHOS VENDADOS





## Trindade santa

DESCONFIO que deus seja feminino. Um deus-mãe. Imagino o mundo povoado de um sublime amor, além do que a condição humana é capaz de alcançar. O amor do pai, do filho e do espírito santo convergindo para o materno. Amor que cuida. Santíssima trindade feminina.

Nossas crenças nos remetem à figura masculina de um deus. No momento em que pensamos num deus feminino, os conservadores nos contradizem. Alguns bradam – Deus é pai!

Já diziam para as minhas ancestrais e elas passaram de geração a geração. Aquelas que prepararam o território para a minha chegada. Uma travessia secular, de lutas e dores para que hoje eu esteja aqui, subvertendo convicções e ousando dizer que deus é mãe. Sem medo do inferno. Sendo feliz.

Sei que deus não tem gênero, deus está muito além de classificações. Ele pode ser um poema, um vento, um mendigo, uma andorinha, uma esperança. Tudo o que pos-

sa despertar o melhor dos sentimentos em nós. Mas a força que recebo dele tem ascendência materna. Acolhimento somente possível a quem empresta o útero a uma nova vida: Mãe, essa entidade controversa e sagrada que habita o imaginário coletivo, às vezes como heroína e às vezes como a mais equivocada dos humanos. Com uma infinita capacidade de absorver culpas, justificar erros alheios, e uma disposição inigualável ao amor, ao zelo e ao perdão. Próximo ao divino.

Parece até que deus e as mães existem para assumir as culpas pelos erros da humanidade.

– Foi a vontade de Deus!

Deus não move moinhos para que o mal aconteça, nem as mães. Não quero nenhuma rudeza, deixo-a para os ímpios. Sou mulher. Sou mãe. Quero a oração do amanhecer, a meiguice, sensibilidade a mil, nervos aflorados, hormônios em mutação, regras que descem e que cessam, apetite voraz, lábios cor de carne num sorriso inocente guardado para quem amo. Vivo e morro com um sorriso. Só assim valerá a pena ter um sorriso para dá-lo a alguém. Ao final de tudo, comparo os sorrisos e visto o que melhor me cabe. Assim me reconheço: feminina, seletiva, bendita, profana, densa, intensa, tensa, subversiva, louca e lúcida.

Louvada seja a mulher entre suas iguais, a carregar o imenso fruto de suas gravidezes, de seus amores ou equí-

vocos, a persignar-se em nome do pai e do filho e do espírito santo. Mas sabemos: é a mãe quem roga pelos pecadores na hora da morte. Ave Maria. Vale de lágrimas. Que o futuro que nos chegue como produto disso tudo seja a irmandade feminina. Trindade santa. Mãe, filha e espírito santo. Mulheres que se dão as mãos e atravessam juntas os abismos dessa luta desigual. E quando feminino e masculino se estendem um ao outro, se compreendem e se amam, amor materno-paterno-fraterno-sensual, imagem e semelhança, dá-se como concretizado a igualdade que buscamos, desde a nossa ancestralidade.

DE OLHOS VENDADOS



## Medos, normalidades e loucuras

NORMALIDADE? Quero não. Se me chamam de louca, recebo como um elogio e transiro para a escrita, a minha loucura diagnosticada.

Fui chamada de louca por ser mulher, reativa, e questionar comportamentos. Eu ainda era muito jovem e, achei mesmo, que aquele tom de julgamento era a “normalidade” da vida. Ele disse para eu me tratar, achando que me ofendia. Eu fui. Fiquei bem melhor, tomei decisões que mudaram minha vida. Me afastei da pessoa e voltei a viver.

Pelo meu ano de nascimento, pertencço à geração x, minha realidade familiar me remonta à geração baby boom. Cresci numa casa de 8 mulheres. Eu era a menorzinha, tímida e sonsa. Até hoje, me surpreendo dando justificativas. Daí, escuto meu filho da geração z ou millennials, me dizer:

– Mãe você não precisa justificar nada pra ninguém.

Verdade! Há fortes diferenças nas nossas características geracionais, mas nos entendemos pelos afetos.

Flô, minha principal seguidora, é carente igual a mim. Ela me segue no quarto, na sala, na varanda, na cozinha, no banheiro. Ela tem seu próprio banheiro, se a caixa de areia não estiver limpinha, me convoca cuidados maternos. Se recebo uma visita, ela se esconde. Se a visita se demora, Flô aparece mostrando quem manda no território e que eu sou dela, tipo propriedade particular, sabe? Míimada! Me encara com olhos pedintes, mia, ronrona. Eu dou e recebo o carinho que nossas carências precisam.

Em tempos de colégio, não gostava quando me chamavam de melhor aluna. Queria ser transgressora. Chegava atrasada, não fazia o dever de casa, só para ser diferente. Desmaiava na hora do hino nacional. Seria alguma premonição?

Uma vez, tentei ver o que havia sob o véu da freira. Irmã Marcela Calíope me repreendeu e disse: Vá ler esse livro. Era o Diário de Anne Frank. Logo, eu estava me sentindo a própria Anne, me imaginei no contexto histórico de uma guerra, com um diário na mão. Talvez tenha sido o meu primeiro movimento de empatia e de escrita.

Até hoje, sinto os efeitos desse livro quando percebo que o medo coletivo chega para mim diferente de como chega o medo individual. Discuto isso com minha analista lacaniana. Construo algum entendimento ali. Reajo com mais segurança ao medo coletivo. Algo como um campo energético que nos fortalece, enquanto coletividade. O medo individual nos induz a parâmetros.

Fui eleita para uma função no Grêmio escolar e tinha um discurso a fazer na cerimônia de posse. Fui ajustar o microfone sem entender o mecanismo, o microfone caiu e o auditório lotado fez: ohhhhhhh. Quis um buraco para me esconder, segui o discurso. Eu era atrevida. Durante toda a manhã, fui assunto dos corredores de mosaico vermelho, lidei na boa com aquilo, virei a protagonista do evento. Engraçado que minhas amigas e amigos daquela época, não lembram disso, somente para mim teve importância.

Na faculdade, senti os efeitos desse acontecimento da minha infância, quando evitava falar em público. Venci esse medo por causa da escrita. Afinal, preciso falar sobre o que escrevo. Me preparo, respiro e vou! Fácil? Não, é necessário.

Na minha vida nada foi fácil. Órfã de pai desde os 13. O que tenho é resultado de muito trabalho e resignação. Só preciso o necessário para viver, o excedente gasto com livros ou uma viagemzinha. Gosto de conhecer livrarias. A mais bonita que conheço é a Lello.

O conhecimento é o patrimônio que me importa, adquirido de cada linha dos livros comprados nas livrarias ou sebos. Das viagens, trago histórias que escuto alguém contar, olhares que ganham o meu. Livros são minhas moradas particulares, enquanto não me liberto do fantasma da casa roubada.

Uma experiência recente e bem marcante foi visitar a Casa da Sopa, um espaço na 24 de maio, mantido por um centro espírita, que acolhe pessoas em situação de rua. Começo da noite. Há um banho e uma refeição, escutamos o Evangelho e conversamos, as pessoas interagem entre si, riem-se juntas. O riso é verdadeiro. Certamente o sentimento de exclusão fica guardado no lugar dele e não precisa aparecer o tempo todo. Hora da refeição é hora de celebração e partilha, em todas as famílias. Há um visível sentimento de irmandade. Depois cada um toma o rumo das ruas.

– Onde tu vai dormir hoje?

– Acho que no Dragão ou na Ferreira.

Custei a processar a minha pequenez ao ouvir aquilo. Não me senti confortável na minha condição privilegiada em ter uma casa para voltar, se pessoas iguais a mim, dormem nas ruas. Vivem nas ruas. Não se trata uma situação dessa abrangência como algo banal. É distópico. Disfarcei meu choro. Houve abraços de despedida. Foi antes da Covid-19.

Hoje é Sexta-feira da Paixão, ano 2020. Páscoa. Travessia. Transformação. Encerro esta crônica lembrando minha amiga de infância, Anne Frank: “A gente não faz ideia de como mudou, até que a mudança tenha acontecido.”

A guerra desses novos tempos é invisível e silenciosa, minha cara Anne, mas a mudança já aconteceu.



## Uma das faces do medo

PRECISAMOS ressignificar o medo, olhá-lo dentro dos olhos e dizer onde é o seu lugar. Nossa relação com o medo há de ser de enfrentamento. Ainda mais se nascemos mulheres, nessa terra tropical, abaixo da linha do equador.

O medo nos acompanha desde sempre, um instinto natural de preservação que nos resguarda de alguns perigos. Quando ele assume a forma de aliado, tudo bem, podemos usá-lo a nosso favor, mas que nunca se transforme o medo em algoz. Nunca sejamos reféns dele.

Quero não ter medo, mas tenho muitos. Meu medo maior comunga com os assombros desse tempo. Medo da injustiça, que pode materializar-se de várias formas, e que se apresenta sectarizada, com nome, sexo, CPF, RG, conta bancária.

A violência contra a mulher revela um cenário brutal de desigualdade de gênero em nosso país, que se manifesta sob várias nuances: física, psicológica, patrimonial. Um ambiente inóspito para mulheres, que se torna mais

cruel, aliado a um projeto político de extrema direita, que relativiza o feminicídio e estimula a usurpação de direitos, no cotidiano de um sistema notadamente machista.

Essa violência pode nos apanhar desprevenidas nas ruas, nos transportes públicos e até dentro de casa. Sim, até dentro de casa. Estamos no terceiro milênio. Já servimos aos senhores de escravos, fomos queimadas, estupra-das, mutiladas, e até hoje, somos vítimas de violência pela nossa condição feminina. Violência que, em alguns casos, assume contornos sutis, quase imperceptíveis. O comportamento de um homem em sua bolha social nem sempre é o que ele manifesta entre quatro paredes.

Essa é uma das faces do medo.

Ser mulher por aqui é a resistência primeira. O desafio se potencializa quando optamos pela liberdade de escolhas e de expressão. Francamente, aos desinformados que comparam o feminismo ao machismo, eu respondo: nós não matamos os homens, não violentamos os homens, não usurpamos os homens. Essa é a representação fiel de um comportamento perverso e de um poder que oprime. Estamos em alerta para que se fortaleça a narrativa de fraternidade entre as mulheres. Aqui, junto-me às minhas iguais e aos meus iguais, consciente da relação de dominação que há entre opressores e todos os grupos de oprimidos.

Afora esse medo que move minha disposição natural à resistência, tenho alguns outros. O medo de altura é um que me desafia, e se contrapõe ao prazer quase infantil de viajar de avião. Em 2017, visitei a Pedra Bonita, no Rio, com meu filho Mateus. Achei que teria coragem de voar de asa delta. Quando vi a Barra da Tijuca lá embaixo e toda aquela imensidão, amarelei e pus a desculpa no preço do vôo. Foi medo mesmo.

Minha aventura de voar mantenho nos recônditos da escrita, que me possibilita um vôo dos mais felizes: para dentro da liberdade de expressar o que sinto e exorcizar os meus medos.

Ah, e tem também o medo de amar e seu emaranhado de sensações, como na canção do Beto Guedes: “O medo de amar é o medo de ser livre para o que der e vier, livre para sempre estar onde o justo estiver.” Apesar de tudo, tenho razões para acreditar que o mundo pode ser um lugar melhor e mais justo, e que o amor, legítimo amor, ainda é possível, mas com liberdade e justiça. E sem medo.

DE OLHOS VENDADOS



## Ciranda

O GOSTO era de gelatina. Assim mesmo insípido. Texturas e sensações permaneceram nos lábios, durante toda a noite. Lábios de menina.

Havia uma lua lá fora e um céu de estrelas. Na fogueira, gravetos incandescentes inscreviam fagulhas na escuridão da noite. Dentro da menina também havia fagulhas e fábulas, folclore, festa e frio. Ela não entendeu o que era o frio na barriga, nem as fagulhas. A festa ela sabia, era de um santo. Teve cantiga de roda, ciranda, quermesse e leilão. Uma simpatia lhe trouxe um papel e havia um nome de menino. Depois aquilo da gelatina.

A menina não entendeu nada e o menino foi embora. Levou consigo toda a ternura do mundo. Ela quis alcançá-lo, mas não podia descomportar-se, claro que não. “Garotas devem se comportar”, a madre superiora já tinha advertido e o tom era solene. Elas não entendiam isso dos amores, nem a garota, nem a madre.

“Salve rainha gloriosa de toda a terra soberana...” A menina lembrou-se do hino de Nossa Senhora Auxiliadora e da sala de aula em mosaico vermelho, de suas manhãs. Pediu a Nossa Senhora para livrá-la daquelas sensações. Rezou o ato de contrição. Não parava de pensar no menino, mas ele se foi. A lua fazia seu movimento de rotação percorrendo a noite, estrelas iam-se. O sol nascia. Desinquieta, a menina também dava voltas em seu eixo e não dormiu. Havia gosto de gelatina em seus lábios.

O menino foi estudar na capital, nunca mais ela o viu. A menina foi depois. A cidade era grande e ela trazia um sonho no olhar. Ela sonhava grande como a cidade grande. O menino aprendeu na universidade a cuidar das pessoas. A menina aprendeu a cuidar das palavras. Na verdade, ela nem sabe, mas são as palavras que lhe cuidam. Palavras que a circundam num *loop* infinito. Palavras gelatinosas que viram poemas. Balanço. Cantiga de roda. Ciranda.

De nada adianta um amor de criança se não for para imortalizar-se sob um céu de estrelas.

## Uma primeira vez

TODOS OS DIAS, ao romper da manhã, temos a experiência de uma primeira vez. É ali que tudo se reinicia. É a primeira vez que encontramos aquele dia, com suas tonalidades e promessas.

Durante toda uma vida, somos contemplados com algum deslumbre de uma primeira vez, mas em meu caso, a experiência mais marcante foi a chegada do João.

Era uma tarde de terça-feira quando recebi o resultado de um exame que anunciava sua vinda. Eu era uma estudante universitária, “cabelo ao vento, gente jovem...” com planos para o futuro que ainda não incluíam uma criança. Senti o chão sumir sob meus pés, um formigamento no corpo e um quase desmaio.

Aos poucos, João foi ocupando lugar em minha vida e em meu corpo. Avolumaram-se peitos e abdômen (que nunca mais foram os mesmos). Meu corpo foi adquirindo uma forma arredondada, ao mesmo tempo em que crescia um amor, sublime amor, que nunca imaginei pos-

sível. Quando o útero já era pequeno demais para acomodar a grandeza daquele amor, então ele veio. Foi um momento lindo, imortalizado em minha memória. Meu rosto contraía-se e distendia-se, eu não sabia se ria ou chorava, quando o vi pela primeira vez. Peguei-o no colo e amamentei-o. O mundo reduzia-se a dois, mãe e filho. O mundo estava completo.

Ali, tive a consciência de que avançava uma geração e passava de alguém que foi cuidada, para cuidadora de alguém, embora eu continuasse precisando de cuidados, como preciso até hoje. Mas era uma inevitável mudança de status, de prioridades, de perspectivas. João apropriou-se de um espaço emocional em minha vida, só seu. Dediquei-me completamente à maternidade, tranquei a faculdade, adiei projetos profissionais, poemas foram parar na gaveta. Os primeiros passos na literatura foram substituídos por passinhos inseguros que adquiriam firmeza com a minha presença. Depois vieram os primeiros dentinhos, as primeiras sílabas, a primeira febre de 39 graus, a primeira noite em que não dormimos os dois. Ele, desconfortável com a febre alta. Eu, vigilante nos cuidados, esquecia qualquer cansaço. Mãe full time.

Eu estive lá, em todos os momentos importantes: o primeiro dia na escola, a primeira noite do pijama, a primeira namorada. Assistimos juntos à seleção brasileira de futebol ser pentacampeã, era a primeira vez que ele via algo daquela grandeza.



Também protagonizei um momento único na vida do João. A primeira vez em que ele viu a mãe, não como a heroína de seu imaginário infantil, aquela que sempre cuidava das necessidades primárias dele, que fazia a mágica para curar a dor com um “sopro no dodói”, e o salvava de apuros. Mas quando ele me viu como uma mulher comum, com fraquezas e limitações, quando eu não pude dar as respostas que ele precisava ouvir. Uma mãe com uma rotina de trabalho intensa, dentro e fora de casa, que não define o certo e o errado, mas que deixa exemplos de uma vida. Uma mulher movida por sonhos e recomeços, e que nem sempre consegue manter a serenidade diante do caos. Ali, ele via que o mundo da mãe e de todas as mulheres é bem mais difícil do que o dele, e mãe e filho se reconhecem como parceiros, desde o nascimento até a eternidade.

Naquele momento, eu me livrava da condição meio mística, meio religiosa, que a figura da mãe representa na fantasia do filho, e assumia a condição verdadeiramente humana de uma mãe. Renato Russo me diz aqui: “A primeira vez é sempre a última chance”. Para mim, essa é mais uma primeira vez, e sim, meu caro Renato, talvez seja minha última chance. Para mãe e filho, que os ciclos se reiniciem sempre que a vida os convoca. Tempo dos recomeços.

DE OLHOS VENDADOS



## Dia de sol farto

ÉRAMOS NÓS E O MAR. Ele, cinco anos. Eu, uns muitos e muitos cincos a mais, nada capaz de causar algum afastamento naquele momento tão nosso. Dessas energias possíveis e inexplicáveis que acontecem com as pessoas, porque elas nascem e vivem, e é dos acontecimentos mais extraordinários nascer e viver, que guardam alguma felicidade absurdamente simples.

Perceber que o mar não é somente um mar, é um gigante de barbas brancas, que traz mistérios de seus interiores, que um jangadeiro é o enfrentador do gigante. O surfista ou os que se aventuram mar adentro, são seres dos privilegiados que veem o mar sob uma perspectiva única. A areia fina que o vento leste sopra feito lâmina pode virar aldeia ou castelo, a maré vira piscina de águas claras, as conchas viram personagens de nossa imaginação e tudo se torna lúdico e, ao mesmo tempo, real. Pode haver contos de fadas sem lobos maus nem ogros, o príncipe pode ser um indígena e eles não precisam salvar princesas, a mocinha nem sempre é branca feito a neve.

Queria era que o sol atravessasse a nossa melanina. Logo eu que tantas vezes me esquivei do sol, por bobagens de envelhecimento precoce, lá estava eu, pronta para que ele despejasse ouro líquido em mim, ou a morez da areia molhada bronzeasse minhas pernas pálidas.

Pouco mais, minhas unhas vermelhas estavam cheinhas de areia. Me importei foi nada. Brincamos de roda, um derrubava o outro na beira do mar e a mão dele apertava a minha com a confiança de que eu não o deixaria machucar-se na queda. As ondas nos encharcavam com seus caldos quentes. Acho até que a criança era eu, e me permiti uma alegria do tamanho do mar. O dia era bênção, o sol era absoluto no céu, sem nuvens que o sombreasse.

Ele era a inocência mais linda que vi nos últimos tempos. Os filhos crescem e levam o olhar da infância, mãe e filhos vão perdendo a ingenuidade pela travessia, mas é possível revisitá-la numa brincadeira de criança. Do tipo humanidade feliz, onde todas as crianças são filhas e filhos de todas as mães.

Uma mãe guarda a maternidade dos tempos da infância para sempre, não importa a idade dos filhos nem se eles estão perto ou longe. Reviver o sentimento materno à beira do mar, erguendo aldeias e castelos, pescando conchas e desenhando sonhos infantis num dia de sol farto é uma forma legítima de renovação do que chamamos amor.

## Adeus à solidão

HÁ ALGO de religioso na solidão. O ofício da escrita convoca esse estado de alma que encontramos quando estamos sozinhos, que pode nos trazer a paz ou reeditar nossos demônios. Há o momento de ser silêncio e de ser multidão.

Quem me conhece, sabe da minha paixão por Hemingway, por seu estilo textual conciso, que se articula com a minha escrita em contínua busca de identidade. Ele dizia que, “mesmo quando estava entre a multidão, estava sempre sozinho”. Há ecos dessa reflexão em algumas passagens de sua obra, como se ele travasse uma luta descomunal contra algo que o subjugava.

Em “O velho e o mar” o cenário é de solidão extrema, personificada pelo velho pescador em alto mar, sob um sol cegante e noites tempestuosas. Após dias sem pescar, o velho encontra o peixe que tanto buscava. Eles se olham. Há um respeito e um quase diálogo, antes de iniciar-se a luta do pescador para abater sua presa. O pescador é um velho e o peixe, um gigante: uma visível desi-

gualdade de forças. Hemingway narra esse duelo como se fosse o regresso do Odisseu, ou a luta de um homem por sua redenção.

Algumas vezes, a solidão se nos apresenta como algo limitante, nos cria insuficiências na mesma proporção em que nos faz encontrar sobrevida. Poucas coisas são tão incapacitantes quanto o sentimento de estar só junto a alguém. O avesso disso é sentir-se acompanhada da própria companhia. Um estágio que somente atingimos após muitas vivências, dores e perdas, quando se dá o encontro de alguém que foi despedaçado com sua versão reconstruída.

O velho solitário que duela com o peixe e com o mar é espelho para nossas lutas individuais ou coletivas. Eu me reconheço no velho, eu me reconheço na infinitude de sua solidão. A minha luta se reconhece na luta contra tudo o que nos paralisa, sejam os medos, as forças estranhas, os ódios coloniais, os ressentimentos de qualquer natureza ou a solidão num planeta de mais de sete bilhões.

Conhecer Hemingway é reconhecê-lo um resistente. Resistiu o velho e resistiu o peixe, até tornar-se o peixe, sua própria carcaça; até tornar-se o homem, a superação que lhe foi possível. Imagens dessa narrativa dialogam com a leitura que cada leitor faz do texto. Mas ele mesmo declarou, a despeito de qualquer interpretação: “O mar é o mar. O velho é um velho. Todo o simbolismo do qual as pessoas falam é besteira”. Creio eu que aqui, sagra-se

o momento solene em que a obra sobrepõe-se ao autor e trilha um caminho independente. Obra que lhe rendeu um Pulitzer e um Nobel. Mais uma vez, a imagem da redenção de um homem. Alguns o julgavam no fim.

O texto contundente e os diálogos pragmáticos de Hemingway foram e continuam sendo companhia para os meus silêncios. Das inúmeras lutas diárias contra os meus fantasmas, ganhei libertação e fôlego para dividir minha força com quem precisa. Hemingway estava presente em muitos desses momentos. Ele tumultuou a minha solidão com tensões de guerra, lutas, trincheiras, passeios em Paris ou Milão, adeus às armas, sol que se levanta e derrete a neve do Kilimanjaro, sinos que se dobram. Quem dera eu pudesse retribuir-lhe a companhia na inevitabilidade de sua angústia, na guerra interna que se movimentou dentro dele, enquanto era atravessado pelo sofrimento. Isso é algo inconcebível na escala do real, mas possível no ambiente sagrado da literatura. Alguém pode me dizer: Ah, mas você é uma simples leitora. E eu respondo: Não importa de onde se estenda o gesto em direção ao outro, se pode salvá-lo do caos.

– Francamente, Hem, você é um gigante, tal como o peixe, o mar ou a sua solidão tornada infinita. Há sim, um definitivo pacto de afetos entre nós: a leitora simples e um dos meus autores favoritos. Quantas vezes você alcançou os meus abismos? Quem sabe nos encontramos em algum lugar, no além de qualquer tempo ou angústia, tomaremos

um mojito e falaremos sobre gatos e livros. Se em Cuba ou em África, não sei, cada uma tem sua importância no imaginário coletivo. Mas que importa o lugar, meu querido Hem, se os sinos dobram por ti?



## ***Everything and nothing***

(Inspirado no texto de Jorge Luís Borges)

VIVO UMA INSÓLITA relação de extremos. Euforia ou tristeza, turbulência ou calma, desesperança ou fé, tudo ou nada. Às vezes, minha apatia é assaltada por uma disposição incontida em achar o sentido das coisas e ponho-me a pensar: um pensamento que é busca, sonho, construção ou desconstrução de algo. Dou-me ares de poeta, mas ninguém me autorizou a ser poeta, mas é o meu eu-poeta quem me salva do abismo. Então está tudo certo, sou poeta.

Algo como a mesma convicção de Cecília, ao reconhecer-se nem alegre, nem triste. Devaneios lispectorianos que, em meu caso, deixam o campo do psicológico e aterrisam na realidade de uma garota nascida numa cidadezinha do interior. Neta de Senhorinha de Queiroz Cavalcante da Fazenda Califórnia do Quixadá, uma senhora altiva e casmurra, que se dizia prima de Rachel de Queiroz. A prima famosa que nunca conheci.

Foi minha caminhada como leitora que despertou minha inclinação pela escrita, que virou sonho, prazer, trabalho. Como leitora, experimentei prazeres nunca antes imaginados, conheci mulheres incríveis como Maria Capitolina Santiago, Emma Bovary, Anna Karenina. Algumas foram ao limite de suas consciências, romperam convenções. Se foram felizes ou não, o que importa é que fizeram da vida mais que a realidade enfadonha de suas iguais.

Naveguei pelo fluxo joyceano de diversos personagens, vi uma sucessão de tragédias e solidões no centenário de uma família, vi o crime ser cometido e o castigo psicológico atormentar o criminoso antes mesmo da pena. Sim, vi o crime e o castigo repetir-se à exaustão, o que me fez olhar com escrúpulos, minhas verdades. Conheci lugares, estive nas trincheiras de guerra, exercitei minha disposição natural pela resistência aos opressores, nasci, morri, amei.

Quis mais. Quis ter o meu próprio fluxo de consciência, troquei o romantismo pelo realismo fantástico, passei a imaginar heróis e a divina tragédia de nossos tempos obscuros, fiz da minha solidão a dois, matéria-prima para a minha escrita e entreguei-me à deliciosa aventura de despir-me, sem medo de julgamentos. Fiquei nua.

Como Shakespeare, escrevi versos, mas nunca fui princesa, porque tenho natureza de plebeia. Como Borges, visitei a imortalidade, fui ao céu e inferno de Dante, ater-

rissei na casa grande e senzala, tentando entender o passado, essa identidade coletiva construída a partir da opressão de negros e indígenas e da crueldade de nosso colonizador. Somente a partir da compreensão de nosso passado, estaremos prontos para intervir no presente e no futuro.

Da igual forma, quando enfrentamos nossa própria nudez estamos prontos para nos reconhecer como artistas. A arte, ou nos enlouquece ou nos traz lucidez, é a coisa que mais nos aproxima de Deus, porque nos torna criadores. Isso é sublime, é psicológico, é real. Tudo e nada.

DE OLHOS VENDADOS



## Quero morrer amanhã

LI HERMANN HESSE na adolescência. Desde então, uma passagem permanece num compartimento da mente, que revisito de vez em quando: “Quem quiser nascer, precisa destruir um mundo.”

Portanto, decreto minha morte para amanhã. Não sei se há um momento adequado para a morte, mas a maturidade é, certamente, o momento do renascimento. Ali, aprendemos a lidar com a substância fugidia do tempo. Passamos a habitar os espaços que não conhecemos na juventude: nossas próprias esquinas, por onde nos desviamos e nos encontramos e voltamos a nos desviar, como numa brincadeira de esconde-esconde.

Quero morrer amanhã. Dito assim, até assusta, porque temos uma relação de pudores com a morte. Não sabemos lidar com essa entidade feminina e poderosa, que nos subjuga a todos.

Woody Allen, com um sarcasmo peculiar, idealizou uma figura masculina para a morte, com o seu “You will

meet a tall dark stranger”, algo que se pode entender como o dia do grande encontro, em que você vai conhecer o homem de seus sonhos. Não se iludam, não existe esse homem. O homem dos sonhos aqui é uma metáfora sutil que nos prepara para o último dos encontros, quando olhamos em retrospectiva e nos deparamos com episódios do passado que nos roubaram tanta energia. Momento em que se apaga a última fagulha. Game over.

Aprendi com minhas mortes diárias a não temer a morte definitiva. As perdas nos fortalecem e desenvolvem em nós, um libertador sentimento de desapego. Enxergo possibilidades dentro da perda, um crescimento sempre. Foi assim aos 13, quando perdi meu pai – a primeira delas – e tive que encontrar uma maturidade que eu não tinha, para lidar com esse vácuo em minha vida. Depois perdi mãe, afetos, certezas, oportunidades, casa.

A cada perda, sinto-me gigante. Hoje, mulher madura que sou ou deveria, permito-me qualquer coisa, até mesmo ser imatura ou irresponsável, se me ocorrer ser, porque já cumpri minha cota de seriedade com a vida e meu único compromisso é com a honestidade de meus sentimentos.

O livro era Demian e nunca mais voltei a me encontrar com Hermann Hesse. A frase que recortei me ajudou no entendimento de algumas de minhas vivências, não como uma tragédia particular, mas como mortes. Sei o

quanto essa palavra assusta e tenho meus respeitos por ela. Substantivo feminino singular, plural. Morte que se acompanha de outras mortes para renascer lá na frente.

A cada fase da vida, reagimos de um modo diferente às mortes cotidianas. Em algum momento, passamos a ter intimidade com o frio tecido da morte, e esperá-la como a visita mais certa. Tenho pena de quem nunca morreu, nem enlouqueceu, nem foi ao chão. Esse nunca nasceu. Vidinha sem graça! Não, isso não é um tributo à morte. É antes, um tributo ao renascimento. Desses extremos nascem os poetas, os músicos, os sensíveis, os sublimes, os destemidos, os operários da vida e da arte. Os pequenos se fazem gigantes.

Minha última morte ainda vibra, porque foi logo ali, ontem. É assim mesmo contraditório o sentimento: a morte que vibra. Essa morte me permite nascer todos os dias. Algo como uma expressão da dignidade feminina que foi, disfarçadamente, arrancada de mim. A casa tem uma relação afetiva imediata com o feminino e com a maternidade. Lugar sagrado onde a mãe cria os filhos que gera no útero. Casa, mulher, mãe: substantivos que me fazem crer no futuro da humanidade, a partir do feminino.

O primeiro rompimento que se dá em nossa vida é com o útero da mãe. A partir daí, rompi expectativas do passado, realidades do presente, probabilidades não otimistas de futuro: símbolos dos três tempos que regem o uni-

verso. Rompi convenções, estruturas herméticas que me subjugavam a um papel secundário que não era o meu lugar na terra. Rompi com as hipocrisias de um contexto social e enfrentei as mortes diárias, para renascer todos os dias.

Dos caminhos que eu percorri, extraí cada dor e alegria. Então, volto a reafirmar minha convicção: quero morrer amanhã. Depois eu renasço.



## Gatos e o poeta da sarjeta

O CARA QUE SABIA das coisas era o Bukowski. Ele sim, que tanto conviveu e rendeu-se à sedução dos gatos, essas criaturas inescrutáveis e sobreviventes, como ele os considerava.

Os gatos surgiram em minha vida na maturidade, num momento bem particular. Achei que era amor à última vista ou a derradeira chance desse sentimento redimir-se perante mim. Aposta certa.

Ali nasceu um amor, um insubmisso amor como sempre deve sê-lo. Uma troca de energia e cuidado que vai além de um sentimento, olhar que desnuda corpo e alma com ternura e mistério.

O dia começa cedo. Pela fresta da janela, a madrugada cinza vai-se azulando, enquanto a pequena Flô olhos cor-de-mar, me desperta com mordidas nos pés, patinhas no rosto e cabelos, lambidas, miados, pelos aleatórios sobre minha cama e todo o resto de mim. Território particular dela. Deslizo para dentro dos lençóis e refugio-me num ca-

sulo morno, onde encontro o melhor da manhã: o entressono. Aprendi com os gatos a cochilar e manter-me alerta.

Ah, mas Flô não admite indiferença e segue no firme propósito de me acordar. Ela quer atenção, comida, água, caixa de areia limpa: suas necessidades diárias. Alguns minutos de carinho, um dia todo para dormir e uma noite a vagar.

Aqui, não há mais como evitar o dia, que já entrou pela casa com toda a claridade. Abro janelas e escuto a cidade emitir os primeiros ruídos de uma manhã. A majestosa Gal olhos cor-de-céu, desperta sobre as almofadas, adaptando seu olhar à clareza do dia. São irmãs de pai e mãe, Gal e Flô, afastadas e unidas pelo destino que me usou como instrumento para a adoção delas. Senti uma absurda felicidade no encontro das irmãs, como se a menina que fui, reescrevesse a narrativa dos próprios desencontros fraternos.

Eis que as duas se revelam parceiras na troca de carinho e aventuras, mantendo cada uma, a individualidade e personalidade próprias, iguais nas diferenças. Elas se entendem sem competições, como deveriam ser as relações humanas, no sentido da completude. Aprendam, humanos.

A mais velha, Gal, defende a posição com altivez, sedutora e econômica nos afetos, hábil em mostrar-se e tornar-se invisível. A adolescente Flô não tem posição a

defender. Faz-se toda graça, brinca, pula, se espatifa no chão assim mesmo sem noção – gatos não temem o perigo – ronrona, mia, lambe, morde, não economiza nas ternuras nem nos verbos, de tão intensa que é. “A imagem da maquinaria eterna”, como descreveu o poeta da sarjeta.

Bukowski também surgiu em minha vida na maturidade. Não sou capaz de avaliar o efeito que sua poesia transgressora teria em mim, se o tivesse conhecido antes. Hoje, também sou poeta e uma mulher de gatos. No momento em que digito esse texto, Gal passa o rabo rijo em minhas pernas e a outra pula no teclado, interrompendo a escrita numa confiança que somente a esses seres ronronantes é possível.

O ácido Bukowski, com seu desencanto social, sabia das coisas e tinha razão em muitas, mas na minha opinião, o gato não é o “belíssimo diabo”, está mais para um deus com poderes de nos fazer um bem que está além de nossa compreensão. Até acho que esses felinos adoráveis, vagantes e insubmissos se mantém numa só família: a dos afetos.

– É, meu caro Buk, você é mesmo para poucos e gatos não são para os fracos. Com licença poética, escrevo esta crônica. Hoje os gatos “me contam sem esforço tudo que há para saber.”

Uma dose a Bukowski. Para uns, o poeta da sarjeta, mas prefiro vê-lo como o poeta apaixonado por gatos.

Inspirado por esses seres misteriosos, ele transformou as misérias do cotidiano numa das poéticas mais singulares do século passado.



## Se eu fosse o detalhe

AMO OS LIVROS que ainda não escrevi. Aqueles que trazem os entusiasmos e os assombros dos que estão vivos, e habitam algum tempo ou espaço do universo. Nosso encontro há de acontecer um dia, assim como se dão todos os encontros que importam.

É das palavras que vivo. Elas são meu pedaço de sobrevivência, enquanto as indesejáveis traças devoram a parte do sonho que não resistiu. O impossível habita o fantástico e a cena real. A dor e a feiura caminham juntas. A bela e a fera. O ciclope. A divina comédia ou a tragédia humana.

Não façamos literatura para convencer ingênuos deslumbrados com a estética. Façamos literatura com a absurdez de nosso tempo e com o sarcasmo elegante que pode estar numa vírgula. Desacredite da escrita que não tem inquietude. Desconfie do escritor satisfeito e do leitor conformado que ele produz.

O desassossego é o que mais incita a criação. Me preparo para a escrita como se fosse para a morte ou res-

surreição. Faço a leitura de um texto ou outra peça de arte, mergulho num tempo que não é o meu, me entrego à música, crio um ambiente de sedução, aromas, luz em refração, torno-me uma mulher sensual em quase nudez, sigo o flow, deixo-me seduzir.

Fantasia, meu bem! A verdade é que o meu cenário criativo é bem raiz. Sinto-me à vontade nos domínios da minha bagunça particular. Não tenho métodos de escrita. Deixo-a fluir. Nua. Sem pudores.

Há algum tempo, eu sofria com os inevitáveis cortes de edição. Paralelo a um movimento pessoal de desapego, hoje isso é tão básico como uma t-shirt.

Mas minha escrita tem trilha sonora, sim. Poderia citar muitas canções que ambientaram meus textos. Tanto a música quanto a leitura escolhidas despertam essa entidade autônoma, que atua nos bastidores da criação, que já não sou eu.

O exercício do autor ao ler-se em voz alta é vital para apropriar-se do ritmo do texto e decidir o detalhe. Assim é na vida, decidimos quem fica e quem deixamos ir, num estalo. Ah, o detalhe! O cuidado define o que vem enaltecer ou sombrear a narrativa. Não será ele que compõe a principal matéria da vida, o detalhe?

A literatura nos faz notar alguns signos imperceptíveis por uns, enquanto outros transformam em arte.

A percepção ao detalhe que se mostra com discrição ou quase oculto, aguça nosso papel de leitor, nos reforça de elementos para intervir no texto. Seremos sempre maiores após uma boa leitura.

O melhor leitor é aquele que lê a vida, no detalhe. Algum lugar entre o metafísico e o sublime.

Se eu fosse o detalhe, eu seria escritora.

DE OLHOS VENDADOS





## A estranheza dos comportamentos

AS PESSOAS IMPORTAM. Somos amadas por uns e indiferentes a outros. Vistas por uns e invisíveis a outros. Dinâmica do universo.

Observar o comportamento humano é um desafio contínuo. A modernidade nos apresenta novas situações e formas de relacionamentos com tamanha velocidade, que nos foge o entendimento. Algumas vezes, nos enganamos com a interpretação dos entusiasmos nossos e dos outros.

Ao que me parece nessa era digital, os sentimentos têm a mesma reprodutibilidade da informação. A rapidez com que as coisas acontecem, são e deixam de ser, muitas vezes nos furta a possibilidade de capturar o significado dos sentimentos. De tão líquidos, eles escorrem por entre os dedos. Podem até evaporar, mas dificilmente atingem o estado sólido.

A era digital encurta distâncias e afasta pessoas.

Há um fenômeno comportamental quando as pessoas se evitam, duvidamos se são humanos ou robôs. Em alguma medida “somos responsáveis por aquilo que cativamos”, embora eu não me considere uma autêntica exuperyana e explico: não atribuo a ninguém a responsabilidade por me cativar, mas me sinto responsável por quem cativo.

A partir do meu lugar de aprendiz da vida, observo as relações e tenho uma convicção: gosto de pessoas. Gosto de gostar de pessoas, sempre e cada vez de mais pessoas, criar novos laços e manter vínculos de uma vida inteira. Gosto de cativar, e chamar essa responsabilidade afetiva é a prova de que acredito nos afetos descomprometidos.

Depende do olhar e da atitude se enxergamos uma jiboia ou um elefante, uma mesma situação nos permite várias camadas de leitura. Em se tratando de afeto, o fato é que em algum momento, ele foi real, embora efêmero. Vida que segue. Cativamos, nos deixamos cativar, somos cativados.

Ouso contrariar mais uma vez o clássico, porque acho que o essencial é visível aos olhos, basta apurar o olhar. Recolhemos o que interessa e descartamos o que não agrega. Isso é sobrevivência. Em tempos de desesperança, tal como o contexto de guerra no qual “O pequeno príncipe” foi escrito, que os bons sentimentos desprovidos de qualquer interesse sejam a resistência.

Essa sinergia na formação de laços atravessa inevitavelmente, a nossa capacidade de escuta, quando nos esvaziamos de qualquer juízo de valor para acolhermos o outro. Há uma continuidade quando conjugamos os verbos escutar e enxergar, nos presentificamos na vida das pessoas. Se estou presente, devo estar inteira ali, atenta aos detalhes, aos símbolos. Nesse momento, alguém se torna protagonista de uma vida. O invisível torna-se visível.

Escutamos um desconhecido, um amigo, aquele cantor consagrado, aquele escritor ou entidade surrealista que nos sopra algo no ouvido e nos causa inquietudes. Escutamos o artista anônimo e observamos como ele comunica a voz, o banquinho e o violão.

Cada dia despertamos com a textura de um amanhecer, com uma nova percepção das coisas e de como a vida acontece. Nossas escolhas são movimentos individuais que somente a nós compete, mas que define a marca que deixaremos impressa no outro com a nossa passagem.

DE OLHOS VENDADOS



## Eles, por mim

A LEITURA é o que mais instiga minha criação literária. Na aventura de um livro sou arremessada, naturalmente, à ideia de um texto que insiste em alcançar forma, seja em verso ou prosa. Algo como se eu me apropriasse de uma entidade por trás das linhas e um inevitável diálogo acontece, mesmo com a substância do tempo ali, a nos separar, que pode ser contada em décadas, séculos ou atemporalidade.

É essa relação despreziosa que, pela análise de Antonio Candido “transforma a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um”. Haruki Murakami lembra: “A qualidade de uma obra literária não possui forma, mas, se esta obra receber um prêmio ou uma medalha, passará a ser atrelado a algo concreto.” Bem, eu sou daquelas que acredita nas personagens, na autonomia que o texto adquire em seu percurso, no leitor como protagonista capaz de decidir se a narrativa é real ou ficção. Não escrevo com grandes expectativas. Afinal, sou apenas uma poeta brincando de prostrar-se. Não tenho métodos de escrita, que

não seja a sensibilidade na hora de observar o que deve permanecer ou ser eliminado, o que pode sublimar ou tirar o brilho de uma narrativa. É que na literatura, o detalhe não pode ser contado de maneira amorfa, como o reconhecemos na vida.

Uma das revelações de Umberto Eco é que ele escolhia primeiro o título. Depois seguia a regra latina no que se refere ao romance: “prenda-se ao tema e as palavras virão”, o que difere da fundamentação da poesia: “prenda-se às palavras e o tema virá.” Testei. Funciona.

Italo Calvino diz que “por maiores que sejam as leituras de formação de um indivíduo, resta sempre um número enorme de obras que ele não leu”. Na verdade, nunca lemos literatura suficiente, mas a percepção aos detalhes aguça nosso papel crítico-social, além de nos tornar pessoas melhores.

Finalizo com James Woods: “A literatura nos ensina a notar melhor a vida; o que nos faz, por sua vez, ler melhor o detalhe na literatura, o que, por sua vez, nos faz ler melhor a vida.”

Se alguém alcança essa façanha, justifica sua existência na literatura e na vida.

## Entre hortênsias, Cazuza e Hilda Hilst

Há um certo capitólio, um certo planalto de ceticismo no que nos aguarda, cada vez menos planície, alvorada de difícil contemplação. Incerteza e ansiedade por tudo o que vivemos no tempo do agora, num passado recente, ou pelos fantasmas de uma História revisitada. “O futuro repetir o passado”.

Ver Auschwitz estampado na camisa de alguém, seja em qualquer geografia do planeta, Mussolini ser imitado numa cena patética, assistir à banalização de uma pandemia que extermina parte da população mundial, e outros absurdos do cotidiano nosso é algo que nos obriga a perceber a humanidade, a partir do microlugar que habitamos.

Se somos parte disso tudo, precisamos ocupar o nosso espaço, e não é com o silêncio ou com a metáfora de Pilatos. Lave as mãos por proteção, mas não havemos de relativizar o genocídio que está posto.

Não somos indivíduos isolados, somos cada vez mais parte de um coletivo, nossas decisões são políticas, quando interferem na vida ou morte do outro. É o que se dá quando alguém se expõe e se torna multiplicador de um vírus que pode matar um desconhecido ou alguém que amamos. O vírus apavora, mas os humanos que o desrespeitam são um grande risco.

Ansiosos ficam mais ansiosos. Pensam que podem ser a próxima vítima. É difícil estar bem contando mortes diárias, e nossa responsabilidade torna-se maior, já que somos parte da humanidade que sobreviveu.

Hoje eu sei o quanto gente faz falta à gente, mas estou bem entre as hortênsias, Cazuzu e Hilda Hilst. Cada um cuide de si e de quem ama e do desconhecido que assombra. Alguns estão expostos às ruas e ao vírus, porque não têm casa para ir e serão números futuros da higienização social de um projeto de poder.

Não há como romantizar benefícios numa pandemia, nossos “iguais” continuam desiguais, os maus permanecem maus. Números são vidas que importam.

O que hortênsias, Cazuzu e Hilda Hilst têm a ver com isso? Resistência: uma das formas de sobreviver.



## Aedo do nosso tempo

ECLIPSE OCULTO. Porões de uma ditadura, prisões, tortura. Democracia era uma palavra restrita aos dicionários. Não sabemos se os dias de hoje nos remetem àqueles tempos ou se aqueles tempos revisitam o hoje. No rádio, uma canção sem lenço e sem documento. A garota magricela, travesseiro estampado na cara, se imagina a própria Brigitte da música. De tão entretida na janela, a mão escorrega do queixo e arregala os olhos sonâmbulos de alegria e preguiça. A música fala de guerrilhas, bomba e fuzil.

O cantor irreverente voltava do exílio, cabelos em caracóis, roupas hippies, colares exóticos, um jeito de falar e cantar que era quase a eternidade dentro dela. O locutor interrompe a programação para trazer notícias de um atentado. Riocentro. A garota pensa se aquela era a bomba de que falava a canção. Mesmo sem entender, ela intuía que aquilo não combinava com as cores do tropicalismo de sua terra. Por mais distante um errante navegante, quem jamais te esqueceria?

Depois ela compreendeu o que havia por trás dos fatos, um cenário sombrio de censura e perseguição às liberdades individuais. Ela quis ir embora. Dar o fora. Ter unhas negras como uma tigresa ou um anel de lua e estrela. Rezar o cheiro dos livros desesperados ou a novena de dona Canô. Brilhar mais que milhões de sóis ou ser a luz do sol que a folha traga. Atravessar o tempo tempo tempo e resistir aos podres poderes.

Foi nos anos 2000 que tudo aconteceu. Bons anos aqueles, pessoas saíam da linha da pobreza, filhos de empregadas domésticas entravam nas universidades, negros insubmissos viravam doutores a despeito de séculos de subalternidade.

Aeroporto Internacional de Buenos Aires. A fila da imigração os deixaria lado a lado, ela roeu unha. Envergonhada, pediu uma foto, nem sabe como pôs a câmera para funcionar. Ele respondeu com um sorriso honesto de dentes brancos. Daí a pouco se encontram na esteira de bagagem, trocaram algumas palavras. Na saída do aeroporto, caía uma chuva fina. Ele entra no táxi, casaco molhado como um pierrot. Olha para ela e acena, um gesto que ficou suspenso entre o mágico e o sublime.

A cada passeio pelas ruas de San Telmo, Palermo, Caminito, Recoleta, bares e cafés, ela esperava vê-lo novamente, o aedo do tempo dela. Agora tinham algo em comum: escolheram a mesma cidade das Américas para as

férias. Ela só o reencontrou no palco do Centro de Eventos em Fortaleza, mas teimosa que é, dia desses pegará o trem das cores para vê-lo sob a lua de São Jorge cheia branca inteira ou sob o céu de Santo Amaro, aquele céu de estrelas que diz do infinito do universo em nós.

DE OLHOS VENDADOS



## O Rio buarqueano

CHICO NA VITROLA não adormece. Tampouco adormecem os amantes, nem se afobam, há o amor a ser concluído e nada é pra já. Faz-se aos poucos, o amor. Devagarinho. É no diminutivo que se faz o amor – diz a amante, emanando o desejo, sem entregá-lo de uma vez. Ao mesmo tempo, pensa – como são ridículas todas as falas de amor.

Ela suspende o prazer, movimentando o corpo a ondular-se, une as pernas represando o desejo, depois deixa-o materializar-se em pequenas porções. O arrepio, o cheiro, o tato, a sucção, o afeto, o gozo. Até que o amor deságua-se fluido, feito cachoeira, entre os corpos submersos dos amantes. Fogo, água, paixão.

Lá fora, o Rio ferve. Explodem bombas de efeito moral contra uma manifestação democrática suprimida pelo poder repressor. Homens e mulheres ainda acreditam que amanhã será um novo dia, apesar dele. Não haverá carnaval na avenida, a pátria sem perceber, é subtraída num grande e tenebroso acordo. Neste ano, a Mangueira não será campeã.

Da janela do quarto, os amantes podem ver a Sapucaí em silêncio fúnebre, o Corcovado, a porta de um armário, não importa o quê. O fato é que o amor realizou-se, embora somente na meteórica geografia de um segundo. Mesmo que sejam falsas, serão bonitas todas as histórias de amor.

O Pão de Açúcar nos convence de cada janela: retrato do cotidiano. Nos conta em diversas formas de linguagem sobre uma cidade que é única, em poema, fotografia, rabiscos, recortes. Ri-se o Rio na conversaria bem-humorada de seus moradores, sob um sol de fevereiro.

Os amantes também riem-se, úmidos e nus. Compartilham a intimidade possível e aninham-se no corpo um do outro, sem culpa ou compromisso. Escutam na vitrola: “mesmo sendo errados os amantes, seus amores serão bons”. Com inacreditáveis olhos verdes ou azuis e uma voz que ressoa para-além do silêncio, Chico canta a mulher, com a propriedade de quem conhece o feminino, o prazer que nasce de beijar os seios, de beijar o ventre, de deixar em brasa... Ele canta a Geni, Iolanda, Ana, Bárbara, Renata, as mulheres de Atenas, a inocente Teresinha que recebe o primeiro, o segundo e o terceiro. Tomam posse de seu corpo, enquanto assustada, ela diz – Não! Chico canta o Rio e as mulheres do Rio.

Os protestos prosseguem lá fora, a polícia inibe os manifestantes, não os amantes. Não há pudores ali. Ela se ergue da cama, nua e bela. Ele a puxa para si entre gar-

galhadas cúmplices, o desejo reacende, vai até a vitrola e muda o LP. Ninguém adormece, porque o amor é bom.

Os amantes recomeçam essas coisas simples dos amores. Escutam apenas a canção na vitrola, a inconfundível música dos corpos, e o som e a fúria do mar de Copacabana ao Leblon.

# Sobre a autora

*Íris Cavalcante*



Cearense de Baturité, finalista na categoria Poesia do 60º Prêmio Jabuti de Literatura com a obra *Vento do 8º Andar*, publicado pela Premium Editora. Íris Cavalcante, também, é autora dos livros *Palavras e Poesias* (2003), *O Caminho das Letras* (2006), *O*

*Sobrevivente* (2010) e *Por Quem Elas se Curvam* (2021), todos publicados em formato independente. Registra-se, ainda, participação nas coletâneas *Chuva literária: uma antologia de autores nordestinos* (2017), *Mirabilia Contos de Natal* (2018), *Todos os Tempos do Universo* (2019), *Flor de Resistência* (2019), e nas revistas *E Sesc-SP*, *Philos-RJ*, *LiteraLivre* e *Para Mamíferos*. Organizadora da coletânea *Crônica de uma Fortaleza obscena* (2021) e colunista da Revista *Tamarina Literária*. Especialista em Escrita Literária, com MBA em Administração Estratégica, tem atividade profissional de gestora no Instituto de Desenvolvimento do Trabalho-IDT. Esta é a quarta vez que esta Casa Legislativa recebe Íris, que foi entrevistada pelo programa *Autores e Ideias*, da rádio FM *Assembleia* e pelo programa *Cabeceira* da TV *Assembleia*, no qual falou sobre o livro *Por Quem Elas se Curvam* (2021).

**Contato com a autora**

**E-mail:** [iris@idt.org.br](mailto:iris@idt.org.br)

**Instagram:** [@iris\\_cavali](https://www.instagram.com/iris_cavali)





Esta publicação foi composta com a família tipográfica Gandhi Sans e Serif corpo 8 a 20



João Milton Cunha de Miranda  
**Diretor Executivo**

Ernandes do Carmo  
**Orientador da Célula de Edição e Produção Gráfica**

Cleomarcio Alves (Márcio), Francisco de Moura,  
Hadson França, Edson Frota e João Alfredo  
**Equipe de Acabamento e Montagem**

Aurenir Lopes e Tiago Casal  
**Equipe de Produção em Braille**

Mário Giffoni e Carol Molfese  
**Equipe de Diagramação**

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)  
**Equipe de Design Gráfico**

Rachel Garcia Bastos de Araújo  
**Redação**

Luzia Lêda Batista Rolim  
**Assessoria de Comunicação/Imprensa**

Lúcia Maria Jacó Rocha, Vânia Monteiro Soares Rios,  
Marta Lêda Miranda Bezerra, Maria Marluce Studart Vieira  
Milena Saraiva  
**Equipe de Revisão**

**Site:** <https://al.ce.gov.br/index.php/institucional/inesp>

**E-mail:** [inesp@al.ce.gov.br](mailto:inesp@al.ce.gov.br)

**Fone:** (85) 3277-3701



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

Av. Desembargador Moreira 2807,  
Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará  
Site: [www.al.ce.gov.br](http://www.al.ce.gov.br)  
Fone: (85) 3277-2500





**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

**Mesa Diretora  
2021-2022**

**Deputado Evandro Leitão**  
Presidente

**Deputado Fernando Santana**  
1º Vice-Presidente

**Deputado Dannel Oliveira**  
2º Vice-Presidente

**Deputado Antônio Granja**  
1º Secretário

**Deputado Audic Mota**  
2º Secretário

**Deputada Érika Amorim**  
3ª Secretária

**Deputado Ap. Luiz Henrique**  
4º Secretário

**EDIÇÕES  
INESP**  
DIGITAL

